José Aurélio Saraiva Câmara - 25 anos depois

FERNANDO CÂMARA (*)

O dia 9 de abril passado registrou a decorrência dos 25 anos de falecimento do coronel José Aurélio Saraiva Câmara, engenheiro civil, escritor e membro efetivo do Instituto do Ceará, onde pontificava desde 25 de agosto de 1955, data de sua posse.

Em comemoração ao importante evento a Casa de José de Alencar, tendo à frente o seu dinâmico Presidente, Prof. Dr. Antônio Martins Filho, fez o lançamento, em segunda edição, do livro "CAPISTRANO DE ABREU", detentor de dois prêmios e por mim considerado a obra prima de seu autor.

No transcurso de tão marcante efeméride, não poderia faltar nesta oportunidade uma palavra do sucessor e atual ocupante de sua cadeira na Casa do Barão de Studart e da qual ele mesmo é Patrono.

Aliás, desde a minha posse neste Sodalício, vários foram os parentes e amigos a reclamarem de mim um pronunciamento sobre a personalidade deste meu irmão, a quem o Instituto do Ceará homenageou, elegendo-me como seu sucessor, embora eu reconheça não merecer tamanha honraria.

Achava eu, porém, que ainda era cedo para me manifestar, sob o impacto de seu falecimento, após uma longa enfermidade, e com um pronunciamento que pudesse ser considerado um tanto sentimental e menos real.

O mesmo procedimento mantive com relação às tradicionais Convenções da Família Saraiva Leão, nas quais são evocadas as personalidades que se destacaram na história da família e cujas memórias são reverenciadas em cada reunião de nosso clã.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Agora, quando são decorridos cinco lustros de seu falecimento, chegou o momento de prestar esta homenagem, tanto através do Instituto do Ceará, como de nossa próxima Convenção, cumprindo assim uma obrigação que há muito me era reclamada e que será cumprida nesta oportunidade.

José Aurélio Saraiva Câmara era o primogênito do casal Miguel Fenelon Câmara, antigo Tabelião Público em Quixeramobim, e de sua esposa Thereza Heloísa Saraiva Leão Câmara.

Os seus estudos foram feitos inicialmente sob a orientação do então vigário da Paróquia, cônego Dr. Aureliano Mota, seu padrinho de batismo, e posteriormente com a Dra. Auri Moura Costa, futura desembargadora de nosso Egrégio Tribunal de Justiça, que mantinha um estabelecimento de ensino em nossa cidade natal.

Minha inesquecível mãe muito desejou vê-lo sacerdote, mas aquele Padre-Mestre, o cônego Aureliano, verificou logo não ser esta a sua vocação, vindo porém descobrir a de outro irmão, Miguel Fenelon Câmara Filho, hoje com as honras episcopais como Arcebispo Metropolitano de Teresina, no vizinho Estado do Piauí.

Meu pai sempre fora partidário da carreira militar, alegando que o Governo assumia praticamente todas as suas despesas e, assim, fê-lo ingressar no Colégio Militar do Ceará, onde ele fez brilhante curso, sendo escolhido orador da turma.

José Aurélio, desde criança, já demonstrava seus pendores para a vida cultural e meu avô materno, José Bougival Saraiva Leão, observando seu interesse pela leitura, presenteou-lhe com o livro intitulado "JOÃO PERGUNTA", uma obra didática escrita por Newton Craveiro e prefaciada por Lourenço Filho, com muita aceitação nos meios educacionais daquela época.

Recordo-me, também, na nossa infância, em Quixeramobim, ele já aluno do Colégio Militar, quando se encontrava em nossa casa o médico e antigo membro deste Sodalício, Dr. Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes (Dr. Álvaro Fernandes). Este, comentava para os presentes como a notícia da proclamação da República chegara em Fortaleza, onde ele, estudante com 16 anos de idade, vira um grupo de colegiais invadir o Palácio do Governo aos gritos de "viva a República" e apunhalar um retrato a óleo do Imperador Pedro II.

José Aurélio ouvia atentamente a narrativa e não perdia uma só palavra, formulando depois perguntas e querendo mais esclarecimentos daquela ocorrência.

Não dispensava em outras ocasiões conversas com parentes ou pessoas mais idosas sobre fatos ligados ao passado histórico de Quixeramobim ou de nossa família.

Até mesmo no período em que estudou no Colégio Militar foi um assíduo colaborador de sua revista, publicando trabalhos, de modo especial de cunho histórico.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro, prosseguiu seus estudos na Escola Militar de Realengo, de onde saiu Aspirante a Oficial da Arma de Artilharia em 1943, tendo como paraninfo o nosso saudoso tio e meu padrinho Heráclito Câmara.

Meus inesquecíveis pais ficaram radiantes com este acontecimento e mandaram celebrar missa em ação de graças na bissecular Igreja Matriz de Quixeramobim, convidando os parentes e amigos para este ato religioso.

Classificado no Recife, prestou serviços em diversas unidades militares. Transferido para servir no Grupo Móvel de Artilharia da Costa, em Salvador, ali se diplomou, no ano de 1949, em engenharia civil pela Escola Politécnica da Bahia, figurando como paraninfo da turma o então Governador do Estado Otávio Mangabeira. Removido, mais tarde, para o nosso Ceará, foi SubComandante do antigo 10º Grupo de Artilharia Transportada, que tinha como comandante o major Ari Corrêa.

Afastou-se depois desta função para ingressar no magistério do Exército, sendo então admitido no Corpo Docente da Escola Preparatória de Fortaleza, hoje Colégio Militar de Fortaleza.

A partir deste momento, deu expansão às suas atividades culturais, passando a colaborar também na imprensa cearense e a freqüentar as rodas literárias e entidades como o Instituto do Ceará e Casa de Juvenal Galeno.

Em 4 de junho de 1955 é eleito sócio efetivo do Instituto do Ceará, tomando posse no dia 25 de agosto daquele mesmo ano e tornando-se Patrono de sua própria cadeira, tendo em vista a reforma dos estatutos desta Entidade, que elevava de trinta para quarenta membros o seu quadro social.

Os outros nove imortais foram: Manuel Albano Amora (que fez o agradecimento em nome dos recipiendários), Hugo Catunda, Luís Teixeira Barros, José Amorim Sobreira, José Denizard Macedo de Alcântara, Ismael de Andrade Pordeus, Paulo Bonavides, João Batista Saraiva Leão e Joaquim Braga Montenegro.

Coube ao saudoso historiador Raimundo Girão, um dos luminares da Casa do Barão de Studart e, mais tarde, mui merecidamente, alçado à Presidência de Honra do Instituto do Ceará, fazer a saudação de praxe aos novos companheiros.

Hoje, decorridos quarenta e quatro anos deste acontecimento, dos dez ilustres confrades admitidos naquele distante 1955, sobrevivem apenas dois: Paulo Bonavides e Luís Teixeira Barros, este último assíduo participante de nossas reuniões.

José Aurélio integrou ainda outras entidades, como o Instituto do Nordeste, Sociedade Capistrano de Abreu, da qual foi também seu Presidente e, quando ela foi extinta, conseguiu que o acervo do grande historiador cearense ficasse aqui sob a guarda da Casa do Barão de Studart.

Também participou, como membro permanente, da Comissão de Textos Históricos do Ministério do Exterior.

Como reconhecimento de suas atividades literárias, teve sua admissão no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como membro efetivo, por proposta dos historiadores José Honório Rodrigues, Pedro Calmon e Afonso Arinos, figuras de maior expressão da intelectualidade nacional.

Diversos foram os seus trabalhos abordando diferentes temas e deles gostaria de destacar: "Aspectos do domínio holandês no Ceará" (1956) - "Um aspecto da tradição cearense militar" (1960) - "Correspondência do Senador Pompeu (seleção, introdução e notas)" (1960) - "Fontes cearenses de Euclides da Cunha" (1965) - "O tempo e os homens" (1966) - "Capistrano de Abreu" (1969), obra premiada pela Editora José Olympio e também prêmio Universidade Federal do Ceará - "Triunfos e fracassos na luta contra as secas (1969) - Fatos e Documentos do Ceará Provincial" (1970) - "Um Soldado do Império (General Tibúrcio e seu tempo)", esta última obra publicada após a sua morte graças à boa vontade de seus amigos.

Recentemente, e em comemoração aos 25 anos de seu falecimento, como já foi dito, a Casa de José de Alencar, tendo à frente o seu incansável Presidente, Prof. Dr. Antônio Martins Filho, reeditou o livro "CAPISTRANO DE ABREU" considerado por mim a sua obra prima, detentora de dois prêmios e de vários elogios quando de seu primeiro lançamento.

"É um livro equilibrado, denso de documentação, cauto nas interpretações, honesto e inteligente. Tenho-o em lugar de honra, guardado em meio à minha capistrânia".

O elogio é da nossa Raquel de Queiroz que, a exemplo de José de Aurélio, dizia ser Capistrano de Abreu o seu autor predileto.

Raimundo Girão, por sua vez, fez a seguinte observação em artigo publicado no jornal O POVO, edição de 3 de setembro de 1978:

"O seu "CAPISTRANO DE ABREU", saído da Livraria José Olympio Editora, 1969, com 234 páginas, é a melhor e mais completa obra que já se escreveu sobre o grande brasileiro de Maranguape, honrada com o Prêmio Otávio Tarquínio de Sousa. Consagrou-se só aí, pois o livro contém toda a complicada configuração do mais atilado e culto dos historiadores do Brasil. Ler este livro é mesmo que ver Capistrano, tal qual"!

Embora não militasse na política, José Aurélio desempenhou atividades públicas em nosso Estado, chegando a ocupar simultaneamente os cargos de Secretário de Polícia e Comandante da Polícia Militar, no Governo Stênio Gomes.

Como ainda hoje acontece, o jogo do bicho funcionava abertamente em nossa Capital e uma de suas primeiras preocupações foi saber do Governador do Estado como proceder diante deste quadro.

"Você tem alguma sugestão"? indagou o Dr. Stênio Gomes.

José Aurélio, respondeu: "Governador, acabar com o jogo o Sr. não conseguirá, mas poderemos dar um cunho social ao mesmo: exigir que cada bicheiro deposite mensalmente uma importância por nós estipulada na conta bancária da Santa Casa de Misericórdia. Eles prestarão contas diretamente com o seu Provedor mediante a apresentação do depósito. Nada de dinheiro em espécie".

O governador aprovou e achou a idéia maravilhosa e mais ainda o Provedor, desembargador José Feliciano Augusto de Athayde, que passou a controlar a nova fonte de renda.

O então Arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa, figura por demais escrupulosa, não foi simpático à idéia, mas o desembargador Athayde não recuou e "a Santa Casa de Misericórdia viveu melhores dias", segundo expressão daquele Provedor, ao inaugurar o retrato de José Aurélio na galeria de seus benfeitores, quando o meu irmão deixou o comando da Secretaria de Polícia.

Hoje, quando esta tradicional entidade filantrópica atravessa situação das mais críticas, com ameaça até mesmo de seu fechamento, por que não proceder da mesma maneira como o fez José Aurélio Câmara?

Fica aqui a sugestão para conhecimento do Sr. Governador do Estado, seu Secretário de Segurança Pública e Defesa da Cidadania e do nosso abnegado general Francisco Batista Torres de Melo, atual Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza.

José Aurélio ainda exerceu outras atividades públicas em nosso Estado, tais como Diretor do Departamento de Minas e Energia, no primeiro governo de Virgílio Távora, e, posteriormente, Chefe de Gabinete do Diretor Geral do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), engenheiro José Lins de Albuquerque.

Anteriormente, atendendo convite do reitor, Prof. Dr. Antônio Martins Filho, ocupou a Diretoria Geral do Departamento de Educação e Cultura da Universidade Federal do Ceará, e foi também professor da Escola de Engenharia da mesma Universidade.

Colega de turma do coronel Jarbas Passarinho na antiga Escola Militar de Realengo, aceitou também seu convite para chefiar a Assessoria para Assuntos Universitários, quando o mesmo foi Ministro da Educação e Cultura, no período revolucionário.

Sua última função pública foi a de Diretor da Casa do Brasil em Madri, de onde retornou, já muito enfermo, para terminar seus dias em nosso Ceará.

José Aurélio, a quem sucedi nesta Casa, foi o único de meus irmãos a prever minha tendência para a pesquisa histórica e genealógica de nossa família e comprova-se isto ao oferecer-me, na

minha infância, o livro "ANEDOTÁRIO DA GUERRA DO PARAGUAI" de autoria de Euzébio de Souza, com a seguinte dedicatória:

"Ao Fernando, futuro historiador da família, oferece o irmão José Aurélio. Olinda-PE, 8/12/1943".

Mesmo reconhecendo nossas divergências, havia, porém, várias afinidades entre nós.

Ambos fomos eleitos membros efetivos do Instituto do Ceará, entusiastas da pesquisa histórica e genealógica, sendo ainda autores de livros.

Também fomos os únicos membros da família Saraiva Câmara a contrair núpcias com primas, uma tradição de nosso clã que está desaparecendo.

Enquanto eu me uni em casamento com uma prima legítima pelo lado de minha mãe, ele veio a se casar com outra prima pelo lado paterno.

O nosso bisavô paterno, tenente Miguel Joaquim de Almeida e Castro, era irmão do alferes Francisco Pinheiro de Almeida e Castro, bisavô paterno de sua esposa Fernanda Maria, e ambos netos do cel. Joaquim Felício Pinto de Almeida e Castro, membro da Junta Governativa do Ceará, na revolução de 1824, e irmão do Padre Miguelinho, herói-mártir de 1817.

Já a nossa bisavó paterna, Francisca Maria do Nascimento Castro, era irmã de Maria de Sant'Ana do Nascimento Castro, esposa do alferes Francisco Pinheiro de Almeida e Castro, e, ambas, filhas do velho Manuel José do Nascimento e Alarcon, antigo proprietário da fazenda Descanso, em Quixeramobim.

Resumindo: dois irmãos Almeida e Castro se casaram com duas irmãs Nascimento e Alarcon.

José Aurélio era detentor de um espírito irrequieto, com muitas características da família Saraiva Leão e, talvez por este motivo, tornou-se o filho predileto de minha mãe, que lhe devotava especial carinho.

Como disse sua viúva Fernanda Maria, em recente crônica publicada no jornal O POVO, edição de 9 de abril, "tinha extrema obsessão pelos pais e irmãos, tornando-se o paradigma, o amparo e amigo de todas as horas".

Desde o início de suas atividades militares, nunca deixou de ajudar nossos pais, sobretudo na educação de seus irmãos.

Lembro-me perfeitamente quando eu e meu irmão José Waldo havíamos terminado o curso primário, em 3 de dezembro de 1944, no antigo Grupo Escolar Dr. Assis Bezerra, em Quixeramobim.

Meu pai, que sempre lutava com dificuldades financeiras para manter a numerosa família e já custeava os estudos de outros filhos em Fortaleza, verificou logo a impossibilidade de nós dois prosseguirmos no ginásio. Decidiu, então, que eu iria estudar interno no Colégio Domingos Sávio, dirigido pelos Padres Salesianos, em Baturité, ficando o José Waldo para estudar em outra oportunidade, quando as coisas melhorassem.

Sabedor desta resolução, José Aurélio, no momento servindo no Recife, não concordou com a idéia e deu logo sua solução: aumentaria a ajuda mensal que dava à família, contanto que seus dois irmãos prosseguissem os estudos. E assim foi feito.

Observe-se que ele era ainda 1º Tenente do Exército e recebia vencimentos não muito expressivos. Nós fomos estudar em Baturité e ali terminamos o curso ginasial em 3 de dezembro de 1948.

Enfermo, enfrentou resignadamente sua prolongada doença, em um verdadeiro calvário de sofrimentos, sem esboçar, em nenhum momento, um gesto de dor ou mesmo de revolta.

Nunca reclamou da vida e nem aspirou riquezas ou grandezas, invejando apenas o talento e a sabedoria de intelectuais com quem conviveu ou conheceu através de suas importantes obras.

O ano de 1974 soou para ele como o de sua despedida deste mundo menor, o que ocorreu precisamente no dia 9 de abril, sendo sepultado primeiramente em Fortaleza e depois em Quixeramobim, nossa cidade natal, onde ali se encontra no jazigo da família Saraiva Câmara, ao lado de nossos inesquecíveis pais, dois irmãos e vários antepassados.

Senhor Presidente, Senhores Consócios, Meus familiares e Amigos:

Esta foi a existência de José Aurélio Saraiva Câmara, que 25 anos atrás deixava o convívio de todos nós, seus familiares e amigos, após uma brilhante carreira militar e uma vida cultural coroada de êxito.

Sua morte repercutiu dolorosamente em nossa Capital e foi noticiada largamente na imprensa cearense, não faltando pronunciamentos de intelectuais e figuras da vida pública de nosso Estado.

No Senado Federal, sua personalidade foi enaltecida pelo saudoso Senador Virgílio Távora, e na Câmara dos Deputados, pelo deputado Paes de Andrade, que o definiu como "Homem voltado para a problemática da Cultura a que dedicou toda a sua vida".

O mesmo ocorreu em nossa Assembléia Legislativa, cabendo esta iniciativa ao deputado Leorne Belém, nosso ilustre conterrâneo, que fez o necrológio de José Aurélio, pedindo depois um voto de pesar pelo infausto acontecimento.

Também a Câmara Municipal de Fortaleza, como igualmente a de Quixeramobim, através, respectivamente, dos vereadores Fausto Arruda e Antônio Saraiva de Oliveira, prestaram sua homenagem póstuma, solidarizando-se ainda com a família enlutada.

Na sessão da Academia Brasileira de Letras, realizada no dia 9 de maio de 1974, o acadêmico e historiador José Honório Rodrigues comunicou aos presentes o falecimento de José Aurélio e, após exaltar sua figura, pede o registro de um voto de pesar pela sua morte.

O mesmo procedimento ele teve na reunião do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual meu falecido irmão era sócio efetivo.

São de José Honório Rodrigues estas palavras:

"Todos nós seus amigos - e ele os tinha muito, pelo jeitão amável, cordial, franco, brincalhão - sentiremos falta dele. Era um homem alegre, forte, e ninguém poderia imaginar que ele nos deixasse aos 53 anos.

Nós todos seus amigos guardamos na intimidade da nossa emoção a falta que dele sentiremos, da sua companhia, da sua conversa, do seu convívio. Leal, honesto, franco, correto, ele tinha muitas virtudes pessoais, das quais destaco especialmente a de ter sido um historiador nato. Nato, repito, pela qualidade de sentir o fato histórico, de saber selecionar, pesquisar, criticar, conceber e elaborar um quadro histórico. Ele era movido por um verdadeiro e sincero espírito patriótico que sua formação militar e seu cultivo nacional desenvolveram. Era um historiador nato porque tinha sensibilidade histórica, e sabia perceber as conexões históricas.

Ele começou como eu comecei, estudando os holandeses no Brasil (Aspectos do domínio holandês no Ceará - 1956), e como eu tinha uma admiração incontida por Capistrano de Abreu".

E as homenagens continuaram sendo prestadas à memória deste meu irmão: a Prefeitura Municipal de Quixeramobim, que já havia decretado luto oficial por três dias, outorgou o nome de José Aurélio Saraiva Câmara a um dos bairros de nossa cidade.

Em Fortaleza, seu nome é perpetuado em uma das ruas da Capital, onde, por feliz coincidência, mora um de seus filhos.

A biblioteca do Colégio Militar de Fortaleza passa também a se chamar José Aurélio Saraiva Câmara, o mesmo ocorrendo com a Sala dos Curadores da nossa Universidade Federal, onde ele tinha assento como um dos seus conselheiros.

Outra iniciativa foi a do Governador César Cals de Oliveira Filho e do seu Secretário de Educação, Cel. Paulo Ayrton Araújo, este último, atualmente Presidente do nosso Instituto do Ceará, ao denominar de José Aurélio Saraiva Câmara, uma Escola de 1º Grau em nossa Capital.

Depois de 25 anos de seu falecimento, ele renasce agora com a reedição de seu "CAPISTRANO DE ABREU", em reconhecimento às suas qualidades de "historiador nato", como bem o definiu o grande mestre José Honório Rodrigues.

Encerrando este pronunciamento, agradeço ao Instituto do Ceará, na pessoa de seu devotado Presidente, Cel. Paulo Ayrton Araújo, a oportunidade feliz que me foi concedida para evocar a memória do Patrono de minha cadeira, uma obrigação que há muito me era reclamada e só agora foi cumprida.

Meu agradecimento se estende também aos ilustres membros da Casa do Barão de Studart, aos nossos estimados convidados e queridos parentes que prestigiaram esta solenidade.

Acreditamos que, em espírito, José Aurélio participa desta solenidade e, muito feliz, deve encontrar-se em vê-la realizar-se no Instituto do Ceará, onde viveu seus melhores dias e contando também com a presença de seus familiares e numerosos amigos.

(Palestra pronunciada na sessão de 20 de abril de 1999).